

AS CONTRIBUIÇÕES DA EQUOTERAPIA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Maria Cristina Guimarães Brito
Curso Normal Superior da UNIME

RESUMO: A equoterapia, atividade em que se utiliza o cavalo como ferramenta dentro de uma abordagem complementar e interdisciplinar, oferece suas contribuições na educação inclusiva; com isto, possibilita o direcionamento de um trabalho coadjuvante para as crianças especiais, inseridas na rede regular de ensino, constituindo, assim, um diferencial no processo de ensino-aprendizagem nos seus aspectos físico, psicológico, sociológico e espiritual. Esta proposta tem como objetivo apresentar a equoterapia como um viés técnico, mediador, favorecendo no seu ambiente familiar e escolar, através deste conjunto perfeito cavalo-cavaleiro. Contudo, este trabalho de suma importância, justifica que os benefícios proporcionados pela equoterapia, auxiliam na função motora, atenção, concentração da criança, aliado ao envolvimento da família e escola de forma significativa. Estas funções são de grande relevância para o desempenho psicomotor da criança com paralisia cerebral e sua socialização, considerando que o indivíduo é um ser de ação e faz uso de diferentes tipos da linguagem na subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Família, educação inclusiva, equoterapia, equipe interdisciplinar e instituições.

1. INTRODUÇÃO

A política da educação inclusiva abre uma nova perspectiva como forma de valorizar o indivíduo para torná-lo um ser integrado na sociedade. Partindo deste pressuposto, a família é premissa básica onde se constitui o primeiro grupo social, que na história da humanidade nos remete à condição do “Ser” na relação homem-mundo, que se faz a cada dia. Com isso, a proposta educacional deverá estruturar-se como forma de ação-reflexão-ação, para atender às necessidades de todos indistintamente.

Nessa perspectiva, gerada pela proposta de educação inclusiva, o direito da pessoa deficiente, à educação, está implícito na Declaração Mundial de Educação para Todos, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1990 e que, por sua vez, inspirou o Plano Decenal de Educação para Todos¹.

¹ Brasil. Ministério da Educação e do Desporto, 1993.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) 14,5% da população apresenta algum tipo de deficiência: física (tetraplegia, paraplegia e outros), deficiência mental (leve, moderada e profunda); deficiência auditiva (total ou parcial) deficiência visual (cegueira total e visão reduzida) e deficiência múltipla (duas ou mais deficiências associadas)². Estes dados apresentados evidenciam a necessidade de desenvolvermos uma política educacional para intensificar a orientação familiar, capacitação de professores para a promoção da educação com dignidade e respeito.

Com o desdobramento da filosofia com políticas públicas de Educação para Todos, sob a Coordenação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Cultura e Ciência (Unesco), a educação inclusiva nos proporciona uma nova visão, como forma de quebrar paradigmas, apresentando meios de descobrir novos caminhos, envolvendo a família e a escola, despertando no indivíduo suas potencialidades e capacidades de viver e conviver com as diferenças, para que possam participar de grupos sociais e contribuir com a organização e o cumprimento das regras estabelecidas pela sociedade.

O presente trabalho me possibilita uma reflexão sobre a proposta pedagógica que leve em consideração as contribuições da equoterapia, atividade em que se utiliza o cavalo no contexto biopsicossocial e educacional nas crianças com necessidades especiais de forma desafiadora, para garantir com qualidade a assistência nos aspectos, educacional, terapêutico e social.

² Brasil. Um país de pessoas com deficiência
www.entreamigos.com.br/noticias

2. DESENVOLVIMENTO

A integração da criança especial no contexto escolar não é um processo rápido, mas um desafio para ser enfrentado por todos educadores, como uma forma de oferecer oportunidades às pessoas especiais para satisfazer os seus desejos e anseios, exercendo seus direitos na sociedade. As bases do movimento de inclusão estão contidas no texto da Declaração de Salamanca (1994) que propõe:

...cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir manter um nível aceitável de aprendizagem, cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhes são próprias, os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a diversidade destas características e necessidades, as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro dessas necessidades, as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos, além disso, proporcionam numa educação adequada à maioria das crianças...

É sabido que a escola regular, dentro de uma visão inclusiva, ainda incipiente no país, proporciona a criança especial o meio de desenvolver-se na diversidade com as diferenças. Para isto, a capacitação de professores é imprescindível dentro desta proposta, para que o professor esteja atento às peculiaridades desse aluno, não subestimando pelas suas condições físicas, mas aplicando uma metodologia que atenda as necessidades de todos sem implicar em “exclusão” na inclusão.

Nesse processo de educação inclusiva que tanto se fala, gostaria de destacar que na formação desses pequenos cidadãos, se faz necessário uma visão do viver na diversidade e com o espírito solidário; despertando nos alunos “ditos normais” sua importância na vida do colega especial, sendo também, referencial para a aprendizagem por imitação, repetição e criatividade, fatores preponderante como forma motivacional na criança especial, para o seu desenvolvimento, buscando desempenhar-se no contexto sócio-educacional, conforme as ações que o meio lhe oferece, respeitando o seu limite e tempo de cada aluno.

Quando abordo a questão do limite e tempo de cada aluno, estou considerando que o aluno especial é capaz desenvolver-se e superar seus limites. Mas, para isso, é importante entender que o processo educacional requer o comprometimento da família e da escola, cabendo ao professor o conhecimento desempenhar-se nesta missão tão importante para as conquistas das crianças especiais.

Segundo (OLIVEIRA, 1997,p. 12)

Muitas das dificuldades apresentadas pelos alunos podem ser facilmente sanadas no âmbito da sala de aula, bastando para isto que o professor esteja mais atento e mais consciente de sua responsabilidade como educador e despenda mais esforço e energia para ajudar a aumentar e melhorar o potencial motor, cognitivo e afetivo do aluno.

A proposta da educação inclusiva é de suma importância, a qual deve rever conceitos na matriz curricular, com abrangência na especificidade de cada deficiência, dando aos professores, na sua formação condições para efetivamente abraçar a educação inclusiva. Com isso, a abertura de espaços para o novo com vista as tecnologias assistivas, imprescindível na vida da criança especial, possibilita na relação professor/aluno uma relação de fidelidade, tão necessária para o desenvolvimento global da criança.

Desde os tempos mais remotos o cavalo faz parte da vida do homem; a sua utilização como recurso pedagógico, cinesioterapêutico, psicoterapêutico e inserção social não é uma descoberta recente. A equoterapia é um método complementar e interdisciplinar que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem nas áreas de educação, saúde e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou necessidades especiais.

A utilização do cavalo está embasado no seu movimento cadenciado, ritmado, oferecendo ao cavaleiro e amazona “especiais” estímulos sensoriais e psicomotores. Este indispensável recurso para a prática equoterápica, congrega profissionais das mais diversas áreas, possibilitando assim desenvolver um programa que atenda as necessidades da criança por um todo, considerando a motivação e criatividade, como grandes aliadas para esta proposta educacional.

Aplicada nos países europeus há mais de 30 anos este método contribui no desenvolvimento global da criança, facilitando dentre outros fatores, trabalhar a sua função manual. O crescimento desta atividade no país vem possibilitando as pessoas

com necessidades especiais uma melhor qualidade de vida. Segundo Hubert Lallery (1996 p.98) “A equoterapia é um dos raros métodos, talvez o único, que permite vivenciar-se tantos acontecimentos ao mesmo tempo, simultaneamente, e no qual as informações e reações são também numerosas.”

As contribuições significativas na prática da equoterapia, favorecem para a superação da dicotomia educação x saúde e vem requerer um planejamento e implementação sistematizadas na proposta educacional; possibilitando na interação com o meio e a natureza, o desenvolvimento de atividade na educação física, contribuindo, assim, para melhora na coordenação motora, alinhamento postural, raciocínio lógico-matemático, auto-estima, atenção, concentração, estimulação sensório-motora, noção espacial, esquema corporal; oportunizando a criação de estratégias para uma proposta pedagógica que considere o sujeito na sua complexidade.

Para o entendimento desses ganhos na equoterapia, é importante considerar que para (OLIVEIRA, 1997,p.16)

O sistema nervoso coordena e controla todas as atividades do organismo, desde as contrações musculares, o funcionamento de órgãos e até mesmo a velocidade de secreção das glândulas endócrinas. Integra sensações e idéias, opera os fenômenos de consciência, interpreta os estímulos advindos da superfície do corpo, das vísceras e de todas as funções orgânicas e é responsável pelas respostas adequadas a cada um destes estímulos.

O estímulo proporcionado na prática equoterápica oferece à criança especial, inserida na rede regular de ensino, um trabalho interdisciplinar, nos aspectos da educação, saúde e promoção social, com possibilidades de um novo olhar para o mundo que a rodeia, ultrapassando os portões escolares, pois, permite a criança o contato com a natureza, participando de trilhas sob o dorso de um cavalo, conquistando novas formas de aprendizagem, possibilitando fazer uma educação corporal para melhora nas funções motoras, sem negar a importância da educação ambiental, facilitando assim, o seu desempenho em sala de aula e propiciando torná-lo cada vez mais independente e sujeito integrado.

Nesse processo de construção e mudanças de paradigmas, busca-se desenvolvimento de atividades que atendam à expectativa educacional da criança e da família. Com isso, a atividade promove momentos de ludicidade durante a prática equoterápica, possibilitando o seu aprendizado de forma prazerosa. A maturação está

relacionada à interação da criança com o meio, assegurando, assim, que todas as crianças têm a capacidade de aprender e, se são motivadas e estimuladas aprendem muito mais. Segundo VYGOTSKY apud BRAGA, 1995, p.85) “ todo o processo educacional pode ser descrito como criação de novas formas de comportamento” e que “a educação de uma criança deficiente não difere, em princípio, da educação de uma criança normal” .

Partindo desse ponto de vista, considero que o currículo escolar deverá ser apropriado às necessidades do aluno, possibilitando assim, a construção de esquemas motores para trabalhar suas potencialidades e despertar suas habilidades para uma motricidade eficaz para a construção da escrita. Estes ganhos, proporcionados pelos movimentos rítmicos do passo do cavalo, implicarão no desempenho pedagógico da criança que apresenta dificuldade: características de déficit de atenção, concentração e comprometimento na coordenação motora, lateralidade, sendo uma atividade coadjuvante na vida escolar da criança especial. Para Brito (2000, p.37):

Trabalhar com criança é sentir-se um pouco criança... é possuir a capacidade de se doar...trabalhar com criança especial é despertar nelas o prazer de ser criança... é fazê-la descobrir sua própria existência...desfrutar as etapas de sua vida...é viver cada momento.

O conhecimento prévio da criança é bastante significativo, e deve ser considerado pelo professor para o seu aprendizado, o qual está relacionado à família, escola e sociedade. Desta forma, abre possibilidades para que a criança aprenda a aprender. Diante disso, o professor deverá ficar atento nesse momento tão significativo da criança. À medida que, a criança é estimulada, motivada, ela apresenta resposta para novas conquistas e aprendizados.

A família é o primeiro grupo social com o qual a criança convive. Neste contexto deve caminhar juntamente com a escola, para o desenvolvimento psicomotor, cognitivo, linguístico e social. Na tríade: família, escola e equoterapia integram-se a proposta pedagógica, a qual estabelece uma relação harmônica na área da educação. Neste *feedback* da família, permite o acompanhamento de forma sistematizada no processo de construção e formação para o aprendizado da criança de forma integrada com a escola.

Para Brito (2000, p. 53):

Geralmente quando nasce uma criança, há quem diz: é a cara do pai... outros acham que é a cara da mãe...Mas, quando nasce uma criança especial, poucos se arriscam a dizer com quem se parece, porém, sem dúvida é a cara da família e o corpo da sociedade.

É imprescindível o envolvimento da família neste exercício, pois, o seu compromisso de educadora está relacionada, diretamente com a realidade de seu filho/aluno, possibilitando grandes ganhos psicomotores somados com o aprendizado escolar. Para isto, a escola precisa estar aberta para que o êxito com a educação inclusiva, se torne efetivamente uma realidade, com a adequação curricular atrelada às instituições que prestam seus serviços nas mais diversas áreas, possibilitando, assim, que todos façam parte deste contexto para tornar um ser integrado na sociedade.

O acompanhamento da criança especial na rede regular de ensino paralelo as suas atividades psicoterapêuticas, convencionais, destacando entre elas - a prática de equoterapia, vem proporcionando melhoras significativas nas funções motoras das crianças, o que confirma o crescimento da equoterapia no Brasil, através de Associações e Centros. A Associação Bahiana de Equoterapia, em parceria com as instituições: Exército Brasileiro (19º- Batalhão de Caçadores), Polícia Militar (Esquadrão de Polícia Montada) e Centros Hípicos (Escola Equitação Equoterapia Jaguar), amplia as atividades extra curriculares da criança, dentro de um trabalho conjunto de cunho social.

Neste aspecto, o fortalecimento de políticas públicas está buscando cada vez mais dar um enfoque no contexto que envolva a família, o meio social, valores, onde todos fazem parte do processo educacional com vista a responsabilidade social. De acordo com (CARDOSO,1997.p.18)

O modelo ecológico em educação especial teve início na Europa, no início da segunda metade deste século. O enfoque da educação seguindo este modelo era *na saúde* em vez de *na doença*, *no ensino* em vez de *no tratamento*, e *na aprendizagem* em vez de *tentativas de mudar a personalidade*." (CARDOSO,1997.p.18 in Ministério da Justiça))

Esta proposta inovadora, para a prática da equoterapia, possibilita a criança especial, fazer uso de um ambiente, articulada com a proposta pedagógica da escola, que perpassa pela transversalidade. As crianças inseridas no programa, com o acom-

panhamento interdisciplinar, vêm o cavalo atendendo as suas necessidades na especificidade, ao tempo em que acompanham outras crianças que praticam o hipismo clássico, modalidade esportiva, onde todos passam a fazer parte de um ecossistema, reconhecendo assim, o indivíduo com cultura e valores próprios no contexto no qual está inserido. Portanto, de acordo com GOMES:

Para uma criança aprender, seja o conteúdo dado na escola, seja uma regra do jogo, um relacionamento com os colegas, com a professora, com os pais, seja uma história, um desenho ou um filme na televisão, ela precisa do funcionamento de um conjunto de características que agem integralmente. Estas características são orgânicas, motoras, cognitivas, emocionais, sociais e metodológicas. (GOMES, 2004. p.87)

É na diversidade que se constrói uma sociedade igualitária. A escola com uma proposta pedagógica vem atender as necessidades de todos, envolvendo a comunidade e as organizações que prestam assistência especializada.

Para isto, é preciso levar em consideração as potencialidades destas crianças, que são identificadas na prática equoterápica, para proporcionar-lhes um ambiente promissor de novas construções e aprendizagens, motivando-as, dando-lhes um novo conhecimento de mundo, para a superação de seus limites. Com isso, a educação inclusiva coloca em alerta onde fiquemos atentos para acompanhar o processo de construção da criança especial, e não marginalizá-la. Face ao exposto o comprometimento físico da criança jamais pode ser associado a uma situação de impossibilidade de aprendizagem.

A realização da atividade prática da equoterapia possibilita trabalhar a criança de forma individualizada e/ou em grupo com o suporte psicoeducacional e terapêutico, com isso, esta proposta visa um olhar mais crítico da realidade de cada aluno especial, dando ao professor no momento escolar, melhor direcionamento na práxis pedagógica. Esta dinâmica, exige um acompanhamento interdisciplinar prevendo as adaptações, estabelecendo assim, um programa para atender às necessidades específicas de cada aluno.

Com isso, considero que a proposta da educação inclusiva envolve diversos segmentos da sociedade com um compromisso único, traçando novos caminhos para a quebra de paradigmas, apresentando um novo modelo nas questões sócio-educacionais.

Neste contexto, as crianças de hoje serão adultos amanhã com um novo significado do viver na diversidade, sob a influência do ambiente social e cultural, que contribui para a formação de traços psicológicos das crianças integradas na educação inclusiva para sua formação profissional.

Em entrevista, Sasaki afirma: “a inclusão profissional está apenas começando, por iniciativa de algumas poucas empresas, geralmente multinacionais, ou seja, influenciadas pela prática inclusivista já adotada por essas mesmas empresas em seus países de origem – os Estados Unidos, por exemplo.”

Para isso, se faz necessário pensar na criança de hoje com projeção no futuro, considerando que a base educacional é fundamental para o seu crescimento. Esses mecanismos para a inserção da criança especial na rede regular de ensino são compensatórios da educação inclusiva, que provém da participação da família e da comunidade, contribuindo de forma solidária, para a funcionalidade da equoterapia, como uma proposta ecológica curricular comunitária-participativa.

As comprovações da eficácia da equoterapia na práxis pedagógica, justificam-se que tê-la como coadjuvante no programa curricular, vai beneficiar substancialmente a criança especial, na condição de mediadora e facilitadora no acompanhamento pedagógico.

Ao sentar-se no centro de gravidade do cavalo, a criança especial recebe uma gama de estímulos sensoriais e proprioceptivos possibilitando aquisições psicomotoras. O cavalo andando a passo proporciona uma mobilidade pélvica na criança, realizado ajustes tônicos que favorecem diretamente para o desempenho de forma global o que contribui para suas funções bimanuais e o aprendizado pedagógico. Para Severo (2006,p. 143)

[...] essas funções do sistema nervoso humano, psicológicas e sociais podem ser desenvolvidas em equoterapia – utilização do cavalo como instrumento terapêutico – (horse tool). Com programas educacionais, de ensino e aprendizagem centrados na criança e integrados com os princípios e fundamentos da equitação básica, podem ser tratadas crianças com dificuldades de aprendizagem por uma equipe multiprofissional e interdisciplinar, na qual deverá estar incluída uma pedagoga ou uma psicopedagoga competente. O programa deverá estar sempre em parceria com a família e com os outros professores da escola em que a criança estiver estudando.

As crianças com suas funções motoras deficitárias e movimentos involuntários, o seu desempenho motor é afetado refletindo diretamente na escrita. Com isto, a prática da equoterapia, realizada de forma prazerosa seguindo um programa estabelecido pela equipe interdisciplinar, vai intermediar e contribuir nas atividades escolares.

Cabe-nos uma reflexão: A equoterapia pode ajudar na ação pedagógica? Ao questionar Severo (2006, p. 143) afirma que:

Para se entender os benefícios psicomotores da equoterapia no ser humano e principalmente, na criança, há necessidade de se estabelecer, à priori, que o ser humano é um produto filogenético, ontogenético e cultural, sendo o sistema nervoso, os estados psicológicos e as situações sociais, os grandes responsáveis pelas aquisições da aprendizagem e dos desempenhos comportamentais. Em segundo lugar, há necessidade de se entender que o desenvolvimento psicomotor antecede o desenvolvimento cognitivo e emotivo, segundo vários autores. Os fatores psicomotores distribuídos pelas unidades funcionais de Luria são apresentados como circuitos dinâmicos auto-regulados, construídos segundo o princípio da organização vertical das estruturas do cérebro e dependentes de uma hierarquização funcional e afetiva, que ocorre em todo o desenvolvimento da criança. Todos os programas psicomotores reunidos funcionalmente compreendem uma complexa constelação psicomotora, pois cada um contribui, particularmente, para a organização global do sistema funcional psicomotor... Educar é ajudar o ser humano com os princípios e os fundamentos do ensino e da aprendizagem, informal e formal, na família e na sociedade, a transformar-se pelo crescimento e pelo desenvolvimento biopsicossocial em um cidadão com liberdade, felicidade e paz.

Nesta condição, as contribuições da equoterapia na educação inclusiva, promovem a motivação para os outros alunos, a experimentação em estar no dorso de um cavalo, onde o objeto de desejo com fins psicoterapêuticos para as crianças especiais passa a despertar nas crianças “ditas normais”, a utilização do mesmo com fins esportivos. Com este referencial, procuro estabelecer esta relação possibilitando através da experimentação, da integração e percepção como uma forma de conviver com as diferenças e entender as necessidades do outro, respeitando-os na relação homem-mundo que se encontra e se constrói nos aspectos de forma interpessoais e intrapessoais.

É um momento significativo na vida da criança: de descoberta, aproximação das relações, afetividade, compreensão das limitações; é a descoberta das potenciali-

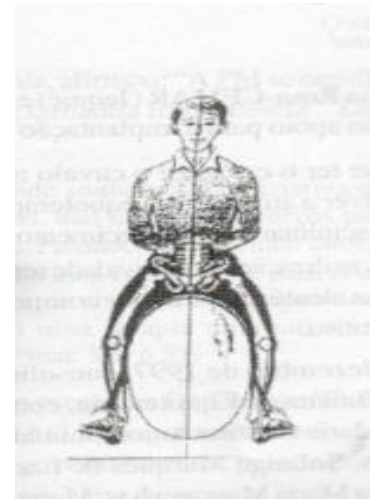
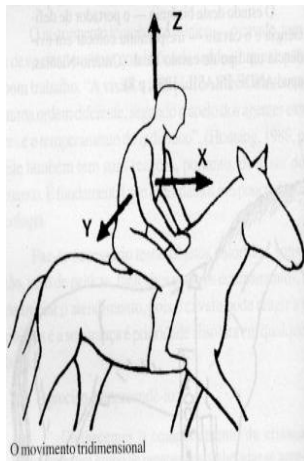
dades, de acreditar nas suas capacidades de responder aos variados estímulos sensorio-motores provenientes que o meio oferece. Estes ambientes facilitadores implicam na interconexão e suas influências externas, nesta modalidade de aprendizagem, sendo transformada pelo ambiente que o transforma na participação ativa, interagindo com pessoas, objetos materiais e animais.

Nesta versatilidade do currículo, a atuação prática em equoterapia, busca atender as necessidades da criança especial, com atividade extra-curricular, que suplementa na proposta pedagógica, capaz de proporcionar ao aluno um ambiente acolhedor e significativo para o seu desenvolvimento. Com isso, as experiências trazidas do seu meio familiar e a prática de equoterapia, contribui, assim, com a melhora na coordenação motora fina, equilíbrio postural, desempenho nas atividades escolares, melhora na escrita e maior socialização.

Este trabalho relaciona-se com a minha prática em equoterapia, atuando há 16 anos, com conhecimentos adquiridos com participação de cursos promovidos pela Associação Nacional de Equoterapia, Brasília, leitura de artigos, livros, seminários, revistas, participação no Congresso Internacional de Equoterapia dentre outros recursos áudio-visuais e a minha formação acadêmica, tão importante para a compreensão da sistemática aplicada na proposta da educação inclusiva, considerando a equoterapia um recurso tecnológico para a prática educativa e desenvolvimento da psicomotricidade na criança especial e grande aliada para o seu desempenho global.

O método foi introduzido no Brasil em 1989, através da Associação Nacional de Equoterapia com o propósito de incentivar também a implantação de associações estaduais; a sua nomenclatura é diversificada em diferentes países como: equoterapia, equinoterapia, equitação terapêutica, hipoterapia. “Equo” origina-se do latim “equus”, é de suma importância enfatizar que o cavalo pertence à ordem dos perissodáctilos, da família dos equídeos, da sub-família equínea na qual se encerra o único representante atual do gênero equus, que é a espécie “caballus” ou seja, o cavalo propriamente dito como é hoje em dia; Terapia vem do grego “therapeia”, parte da medicina que trata da aplicação de conhecimentos técnico-científicos no campo da reabilitação e ou/reeducação. (CIRILLO, 1991, p. 1).

Por que o cavalo? Eis a questão: O cavalo é constituído por mais de 200 ossos diferentes. Este conjunto de ossos em movimento desencadeia uma gama de estímulos insubstituível por qualquer outro recurso mecânico. Conforme (Lallery in ANDEBRASIL, 1996) “o passo do cavalo determina uma ação helicoidal de seu dorso, sua repetição de movimentos é de 1 a 1,75 por segundo, o que dá entre 1.800 a 2.250 ajustes tônicos em 30 minutos”. O cavalo realiza nos seus andamentos o passo, o trote e o galope. O cavalo a passo realiza o movimento tridimensional: para frente e para trás, para cima e para baixo, para um lado e para o outro.



RELATO DE EXPERIÊNCIA: Educação Inclusiva X Equoterapia

Este relato de experiência está fundamentado na história do primogênito Yuri Guimarães Brito, que teve anóxia neonatal (falta de oxigênio no encéfalo), com um quadro espástico (rígido), decorrente da paralisia cerebral, implicando, assim, atraso no desenvolvimento motor.

Com o cognitivo preservado, compreendi que a participação ativa da família foi fundamental na proposta da educação inclusiva, acompanhando assim o seu desenvolvimento escolar.

Ao ser diagnosticado com cinco meses da paralisia cerebral, começava uma nova jornada para sua família. Como um executivo mirim, com agenda programada de horários rigorosos, ele submeteu a uma variedade de atividades terapêuticas convencionais, que contribuíram de forma parcial na sua reabilitação: fisioterapia, atividade na vida diária, acompanhamento psicológico, terapia ocupacional, hidroterapia, fonoaudiologia, psicomotricidade, psicopedagogia; atividades estas realizadas no turno matutino. As respostas motoras apresentavam lentamente. As seqüelas deixadas comprometeram o seu desenvolvimento motor e fala.

Para (BOBATH, 1990, p. 68), “ em muitas crianças, a articulação não é muito deficiente, mas a voz é fraca em quase todas elas, especialmente com respeito a sustentação do som”. características estas que comprometia o desenvolvimento da fala.

Em 1985 ao aproximar da sua fase escolar, começa outra maratona – a inclusão na rede regular de ensino. Procurei várias escolas privadas, sem muito sucesso. Ele não andava, babava pouco e a função manual era deficitária. Poucos entendiam a sua linguagem peculiar. A família empenhou-se cada vez mais em busca de outras escolas, onde encontrou uma que o aceitasse. A ignorância da professora, pela falta do conhecimento, os olhares curiosos pelo diferente e os questionamentos de qual é a doença dele? Seus colegas dispensavam um carinho especial, com gestos solidários.

Yuri ingressa na escola Atlântico, rede regular de ensino, em 1985, período em que se destacava as escolas especializadas. Não se falava em educação para todos, mas escolas especializadas, onde todos estavam integrados, onde todos faziam parte daquela sociedade, e para eles existia uma sociedade à parte. Segundo VYGOTSKY

in BRAGA, 1995) é só no processo da vida coletiva que todo ser humano tem melhores condições de desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores (o pensamento conceitual, a linguagem, a memória lógica, a atenção voluntária...)

Integrado na rede regular de ensino, Yuri, o aluno especial, passou por um processo de adaptação, acompanhado pela família, para que a escola não subestimasse a sua capacidade de aprendizagem. Acompanhei passo a passo nesse processo: proferi palestras informativas sobre a questão do que é a paralisia cerebral, para professores e alunos. Logo, passei a orientar os professores de como adequar uma didática a esta situação diferenciada. Os colegas de Yuri participavam, todos queriam conhecer um pouco de sua história, e foram solidários com ele.

Observou-se que com o cognitivo preservado, o menor se desenvolvia dentro do padrão da “normalidade”, em algumas situações se destacava... O acompanhamento paralelo da família, foi importante, fazendo adaptações no lápis e na carteira para propiciar a ele um melhor desempenho, dando-lhe um atendimento normal.

Segundo FONSECA (1995, p.73),

Aprender a aprender é possível também nos deficientes. Por mais condições adversas que se levantem, o organismo humano é um sistema aberto e sistêmico e, como tal, a inteligência só pode ser concebida como um processo interacional, flexível, plástico, dinâmico e auto-regulado.

Em 1990, quando o movimento da inclusão social ganha força com uma concepção de uma sociedade realmente para todas as pessoas, com a proposta da educação inclusiva, Yuri estava cursando 5-ª série no Colégio São Lázaro, independente da obrigatoriedade da Lei mas, acima de tudo com o empenho da família, onde a sua participação intensiva representou ganhos significativos para o crescimento desta criança e sua socialização.

Em 1991, esta criança completa 10 anos e recebe a indicação de Luiza Câmara com prescrição médica de Dr. Alberto Alencar Carvalho, fisiatra para realizar a sua primeira sessão. Seu quadro motor apresentava dificuldades o qual comprometia a sua marcha com padrão cruzado, um andar claudicante e pés em equinismo (pisava na ponta dos pés)...era a tentativa dos primeiros passos. Babava e não articulava as palavras dificultando a compreensão dos professores.

Ao estar no dorso do cavalo, acompanhado por uma equipe interdisciplinar, a qual fazia parte juntamente com Max Lima; era visível a felicidade dele naquele momento: seu corpo ganhava força, equilíbrio e se alinhava com a coluna do cavalo, seus músculos adutores eram trabalhados com a intervenção da montaria, a forma como tocava o cavalo permitia abrir a mão sem precisar a voz de comando. Com poucas sessões os efeitos começavam se manifestavam. Desempenho na fala, avanços no raciocínio lógico-matemático. Os ganhos foram bastante significativos, permitindo trabalhar a lateralidade, o esquema corporal, noção espacial e a auto-estima.

Para FINNIE, (1980, p. 13)

Nadar e andar a cavalo – muitas vezes pergunto se recomendaríamos estas atividades como benéficas para a criança com paralisia cerebral. Providenciando-se que elas estejam com supervisão de pessoal qualificado, estes esportes servem a uma finalidade útil no desenvolvimento de auto-confiança e um grau de independência, além, naturalmente do prazer que dão às crianças.

À medida que o menor mudava de séries, outros desafios foram acontecendo: melhora na coordenação motora, o subir e descer escada sozinho, logo começa a dar os seus primeiros passos sem apoio: movimentos involuntários, pés em equinismo (anda na ponta dos pés), marcha com padrão cruzado ainda eram mantidos.

Era o momento de traçar novas estratégias. Intensificava a prática da equoterapia, atividade que sempre lhe deu prazer em praticar. Era preciso acreditar na plasticidade cerebral; à medida que era estimulado, novas funções motoras iam surgindo, os ajustes tônicos e aquisições superiores acontecendo; as adaptações com o meio e as relações com outras crianças motivava cada vez mais neste contexto do ser integrado. (VYGOTSKY, 1997, in BRAGA p.26) afirma que [...] as postulações sobre o substrato biológico do funcionamento psicológico evidenciam a forte ligação entre os processos psicológicos humanos e a inserção do indivíduo num contexto sócio-histórico específico.

A determinação deste garoto, motivado pelos seus familiares, amigos, equipe técnica e o cavalo superou limites, tornando um cidadão comum. A partir de 1993, Yuri passou a praticar só a equoterapia, o que me motivou a implantar a Associação Bahiana de Equoterapia, para atender Yuri e outras crianças, assim como retomar os meus estudos. Era o meu momento. Ao ser aprovada no curso de fonoaudiologia,

percebi que a minha identificação era com a educação, onde a educação inclusiva era para mim uma preocupação maior e um desafio que precisava acontecer e foi na educação que me encontrei.

Ajudando Yuri a crescer, cresci também... obrigada Yuri por me mostrar o caminho, onde juntos vamos trilhar para descobrirmos tantos "Yuris" que estão a nossa volta e precisam não de oportunidades mas de pessoas comprometidas com a causa para disseminarmos o sucesso desta caminhada, encontra-se relatada nos livros: "Minha Caminhada" e "Minha Caminhada II - Equoterapia Cavalgar é preciso".

Yuri mudou de séries e colégio. A melhora na auto-estima, independência, autonomia vão tomando conta do garoto que se tornou independente, conquistou o seu espaço de cidadão de direito e deveres, há sete anos trabalha na Petrobrás e faz Publicidade e Propaganda na União Metropolitana de Educação - UNIME.



10 anos... 2ª- série



Yuri com 6 anos...



7 anos...



20 anos...



25 anos.

3. CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, a educação me conduz a ousar para superar os desafios impostos pela sociedade, romper paradigmas buscando apresentar um novo modelo de educação e não mais assistencialista. O que a sociedade impõe nos leva a acreditar que somos parte de uma sociedade e a proposta educacional, bem como, as instituições de assistência, precisam ser revistas e questionadas. É preciso romper estes paradigmas, da educação na assistência institucionalizada, poder ingressar estas crianças na sociedade com um novo olhar.

Acreditar na potencialidade da criança e a forma de relacionar-se com o meio, confirmaram que a função pode modificar a estrutura. Esta perspectiva foi acompanhada passo a passo, dentro de um processo de reflexão para lidar com o ser especial e o aprendizado na subjetividade, em que a participação da família foi fundamental, porque buscou uma reestruturação para romper paradigmas, acreditar na potencialidade de seu filho e propiciar que ele seja integrado na sociedade.

As seqüelas deixadas pela paralisia cerebral são as mais adversas: dos movimentos involuntários, o déficit na coordenação motora, de atenção, comprometimento na fala dentre outros fatores. Mas, vejo neste trabalho, o desafio que é o novo para o professor, compensador quando os resultados comprovados se apresentam como uma luz no fundo do túnel para as famílias que almejam em seus sonhos a verdadeira inclusão da sua criança especial na rede regular de ensino.

Contudo, esta pesquisa qualitativa, vem como uma forma de rever conceitos na proposta de ensino/aprendizagem, possibilitando ao aluno ganhos psicomotores, através da equoterapia, a grande relevância voltada para contribuir no seu programa desenvolvido na escola, assim como a importância do repensar nas parcerias institucionais, públicas e privadas, oportunizando uma camada carente da sociedade participar deste programa tão importante na formação do cidadão para confirmar que na educação inclusiva, equoterapia... cavalgar é preciso!

4. REFERÊNCIAS:

- BOBATH, Karel.** *Uma base neurofisiológica para o tratamento da criança com paralisia cerebral.* 2ª- ed. São Paulo: Manole, 1990. 110 p.il
- BRAGA, Lúcia Wiladino.** *Cognição e paralisia cerebral: Vygotsky e Piaget em questão.* Salvador: Sarah letras, 1995 137 p.il.
- BRITO, Maria Cristina Guimarães.** *Minha Caminhada II - Equoterapia: cavalgar é preciso.* 2ª- ed. Salvador: SMGráfica, 2006, 166 p. il.
- FINNIE, N. A.** *O manuseio da criança com paralisia cerebral.* 2.ed. São Paulo: Manole, 1980, 135 p.il
- CIRILLO, Lélío de Castro.** *Associação Nacional de Equoterapia.* Ano 1991 p.1
- FONSECA, Vitor. da.** *Educação especial: programa de estimulação precoce: uma introdução às idéias de Feuerstein.* 2. ed. Ver porto Alegre. Artes médicas, 1995. 245 p.il
- GOMES, Eliani de Lima Villas.** *Adaptação de um instrumento para intervenção psicopedagógica na equoterapia.* I Congresso Ibero-americano de Equoterapia/III Congresso Brasileiro de Equoterpia. Cavalo: Facilitador da reabilitação humana. Salvador, Nov. 2004 p. 87
- LALLERY, H.** *A Equitação Terapêutica - Coletânea ANDE-BRASIL.* Brasília 1996.
- Ministério da Educação e Desporto:** Anais do II Congresso Brasileiro e o I Encontro Latino de Síndrome de Down - " **Da segregação a Integração**" - **Um processo para a construção da cidadania,** jun. 97, p.186.
- Ministério da Educação e Desporto/ Secretaria de Educação Especial.** **SASSAKI,** Romeu Kazumi, *Entrevista* Ano 08, nº- 20 1998.
- Ministério da Justiça.** Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. Coordenadoria nacional para Integração da pessoa portadora de Deficiência - CORDE. *Abordagem Ecológica em Educação Especial: Fundamentos Básicos para o Currículo,* Brasília 1997, p. 18
- OLIVEIRA, Gislene de Campos.** *Psicomotricidade - educação e reeducação num enfoque psicopedagógico.* 10ª- ed. Petrópolis, RJ: Vozes 1997.
- SEVERO, José Torquato.** **A equoterapia pode ajudar na ação pedagógica?** in_ **BRITO,** Maria Cristina Guimarães. **Minha Caminhada II - Equoterapia: cavalgar é preciso.** 2ª- ed. Salvador: SMG Gráfica, 2006, 166 p. il.

WALKER, Gabriele Brigitte; **VENDRANIMI**, Orlando Marcelo. *Equoterapia com o uso do cavalo*, Viçosa-MG, CTP - 2000, 62p.

www.equoterapia.org.br (depoimentos Yuri Guimarães Brito)

www.oms.com.br (www.entreamigos.com.br/noticias)

Contatos:

Maria Cristina Guimarães Brito

Av. Dorival Caymmi, Cond. Recanto de Itapuã, Rua Viena, Casa 57 - Itapuã

CEP. 41.630-151 - Salvador- Bahia

Tel/Fax. 0xx713285-0770/9963-5862/3379-6602/3249-0599

e-mail: tinaequoterapia@yahoo.com.br